



Como se esperava, Reagan não deu ouvidos aos apelos de Cartagena. Os pobres pagam o déficit dos ricos

Reagan dá as costas a Cartagena

Washington — O governo do presidente Ronald Reagan deu as costas ontem ao apelo da América Latina para que se realize uma profunda revisão da administração da dívida externa dos países em desenvolvimento.

O porta-voz oficial John Hugues limitou-se a assinalar "nossa satisfação" de que na reunião de Cartagena "reafirmou-se o propósito de cumprir com as obrigações contraídas, continuar os programas de ajustes às realidades econômicas e buscar soluções sobre bases individuais".

Apesar desses três pontos figurarem na estratégia dos onze países participantes da reunião, para o pagamento da dívida de 350 bilhões

de dólares, há os outros tópicos, que são:

— Redução drástica e imediata das taxas de juros.

— Criação de um recurso adicional do FMI para reduzir os efeitos das taxas já existentes.

— Adiamento do pagamento de juros, sem pagamentos adicionais por atraso para os países mais necessitados.

— Ampliação dos prazos dos pagamentos de um modo compatível com a recuperação econômica.

— Limitação desses pagamentos a uma proporção razoável do Produto Nacional Bruto que permita a manutenção de níveis adequados de produtividade interna.

— Eliminação das demandas para que os governos assumam de forma indiscriminada a responsabilidade pelos empréstimos do setor privado.

— Reinício das correntes de crédito para o desenvolvimento que se encontram virtualmente suspensas.

— Nova emissão de Direitos Especiais de saque, o dinheiro do FMI, para o pagamento governo a governo.

Hugues não se referiu a nenhum desses tópicos. Pelo contrário, disse que o consenso de Cartagena era "coerente" com a declaração de Londres emitida no princípio do mês pelos sete maiores países industriais.